

VIAGEM

Apparício Silva Rillo

É preciso quebrar pedra,
Violentar o cal da argamassa.
É preciso cavar a terra úmida,
Verde de musgo alimentado a
músculos.

É preciso rasgar a madeira,
Abri-la como quem abre as
páginas de um livro
Para chegar a ti ó meu pai
Para tocar-te os ossos,
E olhar o mundo onde estás
Pelas viseiras cavas da
caveira.

É preciso ensangüentar as
mãos,
Romper os tecidos da pele, as
unhas como garras.
É preciso suar como um
cântaro de água no facho do
sol
E sublimar a força dos braços
é preciso,
Para chegar a ti ó meu pai,
A teus campos de sombra
onde vermes engordam
Entre as raízes de fundas
samambaias.

A roupa escura é tua,
Teus estes sapatos hirtos
como lanças,
E teus os flocos de cabelos
ralos,
O anel no osso do dedo
E a meia de seda frouxa na
canela.

E nem assim te encontro, pai.

Aqui onde chegaram meus
dedos,
As unhas como garras,
Aqui onde o sol a pino me
desenha

Como a sombra de uma rama
debruçada.

Não estás onde estás,
Aqui onde me trouxe a lápide
rompida,
A argamassa arrancada, a
terra revolvida,
A força que eu não tinha e
pude ter.

Deverás estar e ser.
Não estás, nem és.

Perdi a dura viagem, pai.
E me encontrei.